



Tear Online é licenciada sob uma Licença Creative Commons.

## A FÉ VEM PELO OUVIR: POR UMA TEOLOGIA DA PROCLAMAÇÃO

---

Faith comes through hearing: for a theology of proclamation

Jilton Moraes<sup>1</sup>

### Resumo:

A abordagem deste assunto enfoca o tema do 1º Simpósio da Rede Latino Americana de Homilética (RedLah). Apresenta as seguintes proposições: a necessidade de um adequado conceito de Deus e da fundamentação bíblica na pregação; a importância de priorizar a forma, sem desvalorizar o conteúdo do discurso; e o desafio da elaboração de um trabalho de qualidade e objetividade, motivando mudanças, sem constranger o ouvinte.

### Palavras-chave:

Fé. Ouvinte. Teologia da Pregação.

### Abstract:

The approach to this issue focuses on the theme of the 1st Symposium of the Latin American Network of Homiletics (RedLah). It presents the following propositions: the need for an adequate concept of God and the biblical foundation in preaching; the importance of prioritizing the form, without devaluing the content of the discourse; and the challenge of developing a work of quality and objectivity, motivating changes without intimidating the listener.

### Keywords:

Faith. Listener. Theology of Preaching.

\*\*\*

### Introdução

A abordagem deste assunto tem como ponto de partida uma adequada compreensão das palavras de Paulo: *“A fé vem por se ouvir a mensagem, e a mensagem é ouvida mediante a palavra de Cristo”* (Rm 10.17). O texto NVI é bem próximo da TRADUÇÃO. BRASILEIRA, 1954: *“A fé vem pelo ouvir, e o ouvir vem pela palavra de Cristo”*. Está próximo também de Melhores Textos: *“A fé é*

---

<sup>1</sup> Jilton Moraes – Membro do Conselho da Rede Latino Americana de Homilética; tem vasta experiência como homileta e pregador. Em mais de 40 anos de atividades pastorais, dirigiu igrejas da Convenção Batista Brasileira (CBB), em Fortaleza, Belém, Teresina e Recife. Além disso, há 40 anos tem ensinado Homilética, Prática de Pregação e outras disciplinas nesta área; tem viajado por todo o Brasil e alguns países no exterior, como pregador, professor visitante escritor e consultor. Apaixonado pelo ensino da Homilética tem onze livros publicados, sete dos quais na área da pregação. Contato: [jiltonmoraes@gmail.com](mailto:jiltonmoraes@gmail.com)

*pelo ouvir; e o ouvir pela palavra de Cristo*". Nas traduções. ARA, BJ e NTLH, aparece a palavra *pregação* – (ARA): *"A fé vem pela pregação, e a pregação pela palavra de Cristo"*; (BJ): *"A fé vem da pregação e a pregação é pela palavra de Cristo"*; (NTLH): *"A fé vem por ouvir a mensagem e a mensagem vem da pregação a respeito de Cristo"*. Na TRADUÇÃO INTERCONFESSIONAL lemos: *"A fé vem daquilo que se ouve e o que se ouve é o anúncio da Palavra de Cristo"*. E A MENSAGEM, (Bíblia em linguagem contemporânea), trás: *"Antes de crer você tem de ouvir, e a não ser que a Palavra de Deus seja pregada, não há nada para ouvir"*. Essa paráfrase de A Mensagem lembra a declaração de Lutero: *"Se a Palavra de Deus não for pregada, é preferível não cantar, nem ler, nem reunir-se para o culto"* (Von Allmen: 1968).

O que Paulo quis dizer? De que modo essa palavra se constitui desafio a nós proclamadores da Palavra no século XXI?

O 10º capítulo de Romanos abre com o Apóstolo expressando o seu desejo de ver os israelitas salvos (v.1); *"O desejo do meu coração e a minha oração a Deus pelos israelitas é que eles sejam salvos"*. Ele continua dando testemunho do zelo que eles tinham por Deus, mas não baseado no conhecimento, uma vez que ignorando a justiça que vinha de Deus, procuravam estabelecer a sua própria justiça, não se submetendo à justiça de Deus (v. 2-3). Ele segue falando que *"o fim de lei é Cristo, para a justificação de todo o que crê"* (v.4). Cita Moisés, para falar da justiça que vem da lei (v. 5); e, para descrever a justiça que vem da fé, levanta perguntas (v. 6-8) apontando para uma realidade maior: A palavra da fé estava perto deles e era essa palavra que ele proclamava (v. 8). Para ser salvos eles precisavam confessar o senhorio de Jesus e crer que Deus o ressuscitara dos mortos; uma vez que com o coração se crê e com a boca se confessa (v. 9-10). O claro propósito de Paulo era comunicar que a salvação estava disponível a todos, e isso aparece claro em três diferentes passagens: *"Todo o que nele confia jamais será envergonhado"* (v. 11); *"Não há diferença entre judeus e gentios, pois o mesmo Senhor é Senhor de todos e abençoa ricamente todos os que o invocam"* (v. 12); *"porque todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo"* (v. 13).

Outra vez Paulo levanta perguntas retóricas: *"Como, pois, invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele de quem não ouviram falar? E como ouvirão, se não houver quem pregue? E como pregarão, se não forem enviados?"* (v. 14-15). O v. 15 termina com a afirmação do Profeta Isaías: *"Como são belos os pés dos que anunciam boas novas!"* (cf: Is 52.7). A partir daí, o Apóstolo fala da condição do povo de Israel: *"Nem todos os israelitas aceitaram as boas novas". Pois Isaías diz: "Senhor, quem creu em nossa mensagem?"* (V. 16; cf: Is 53.1).

Assim chegamos ao nosso texto: *"Consequentemente, a fé vem por se ouvir a mensagem, e a mensagem é ouvida mediante a palavra de Cristo"* (v. 17). A afirmação neste verso tem sido vista como uma conclusão sumariada. A declaração começa com um advérbio de modo – *"Consequentemente"* (NVI); *"logo"* (BRASILEIRA 1954; e MT); *"e assim"* (ARA); *"portanto"* (TI). Para Hendriksen, *"o que Paulo está dizendo é que a fé em Cristo pressupõe que tenha sido ouvida a palavra que procede de Cristo e lhe diz respeito"* (HENDRIKSEN, 2001, p. 442).

Nos versos seguintes Paulo segue falando sobre o *ouvir*: a mensagem foi proclamada, eles a ouviram; mas se tornaram um povo sem entendimento; eles foram desobedientes e rebeldes diante da Palavra de Deus (v. 18-21). Rejeitaram a Palavra que estava no princípio com Deus e era Deus (Cf Jo 1.11).

Que mensagem transmitiria Paulo à sociedade em formação onde vivemos e o Senhor nos insere como proclamadores da sua Palavra? Um dos distintivos entre a proclamação da Palavra no passado e nos dias atuais é que os ouvintes no passado frequentavam os cultos

desejosos de ouvir, enquanto algumas pessoas hoje vão ao templo, contudo o que menos lhes interessa é a palavra do pregador. Um quadro comparativo daquele tempo com o momento atual é desalentador:

Ouvintes no passado...	Ouvintes no presente...
Tinham disponibilidade de tempo: sabiam esperar, a vida seguia sem pressa;	Não têm tempo; vivem com pressa em uma sociedade apressada.
Eram motivados a ouvir: tinham no púlpito excelente fonte de informações;	Estão informados; o púlpito raramente oferece informações relevantes.
Portavam bíblias e as manuseavam durante a pregação;	Utilizam modernos celulares e <i>tablets</i> e os acessam durante a pregação.
Viam ao templo para ouvir prédicas que os alimentavam com a Palavra;	Ouvem prédicas que, às vezes, pouco ou nada têm da Palavra.
Alguns viam o sermão como a parte mais importante do culto;	Muitos veem o sermão como a parte menos importante do culto;

Somos tentados a dizer: “*Já não se faz ouvinte como antigamente*”. Devemos estar alertas, entretanto, porque os ouvintes também afirmam: “*Já não se faz pregador como antigamente*”. E, até a partir de queixas desses ouvintes, poderíamos também elaborar um quadro comparativo do comportamento dos pregadores do passado e no momento presente.

O que importa é termos em mente que o propósito da pregação cristã é proclamar a vida completa que só em Jesus pode ser encontrada; é oferecer aos ouvintes a oportunidade de crer no Cristo vivo e de confessá-lo como Senhor, para serem salvos. A dificuldade do momento pode ser sentida em algumas publicações: Livros como: *101 Coisas para fazer durante um sermão chato* (SIMS E PEGODA: 2002); *O que há de errado com a pregação hoje* (MARTIN: 1967). *Erros que os pregadores devem evitar* (ZIBORDI: 2005); *Mais erros que os pregadores devem evitar* (ZIBORDI: 2008); e *O clamor da igreja em busca de excelência no púlpito* (Moraes: 2012). Adilmar Luiz Padilha apresentou sua dissertação de Mestrado em Teologia, na EST, intitulada: *A carência e a falência dos púlpitos no movimento evangélico brasileiro: uma visão panorâmica* (PADILHA: 2010). Temos também, ensaios com títulos que denunciam a triste realidade do momento, como: *Há lugar para a pregação hoje?* (MORAES: 2003); *Não torture seus ouvintes* (MORAES: 1999), entre outros. (Cf: Moraes: 2012).

Diante do caos podemos reagir como Isaías: “*Ai de mim! Estou perdido!*” (Is 6.5). Ou como o ajudante de Elizeu: “*Ah, meu senhor! O que faremos?*” (2Rs 6.15). Sabendo que a fé vem pelo ouvir, quais os horizontes da teologia da proclamação na sociedade da informação?<sup>2</sup>

<sup>2</sup> Quando escrevi esse texto, o meu livro *Homilética: do ouvinte à prática* (Editora Vida. 2013) ainda estava no prelo. Boa parte do conteúdo utilizado para o desenvolvimento do assunto - *A fé vem pelo ouvir: por uma teologia da proclamação* - procede do citado livro. Mesmo havendo agora procurado fazer as devidas citações, imagino que

## **A teologia da proclamação deve provir de um adequado conceito de Deus**

A mensagem que pregamos depende do conceito que temos de Deus. Muitos pregadores apresentam um Deus distante e ausente, que não se importa com as pessoas, que não responde aos anseios dos fiéis. Sobre os problemas de natureza teológica na pregação da igreja católica, Dirce de Carvalho registrou alguns pensamentos de ouvintes entrevistados, que falam dessa realidade: “O ‘Deus-católico’ é um Deus distante, por demais ausente”. Um segundo entrevistado desabafou: “O Deus geralmente apresentado nas homilias não responde às necessidades do homem de hoje. Tá numa outra, lá em cima, esperando que você vá se encontrar com ele depois da morte” (CARVALHO: 1993).

Essa realidade nos conduz à indagação: Que imagem de Deus que está sendo apresentada no púlpito evangélico na atualidade? Os ouvintes esperam uma teologia que lhes traga esperança ao viver. “A autêntica pregação é uma celebração da vitória dada por Deus sobre as crises da vida”. (PERRY E SELL; 1989, p. 58). O abismo colocado por comunicadores que mais parecem deístas que pregadores do Evangelho, tem tornado os sermões áridos, monótonos e desinteressantes. Eles têm feito a façanha de tirar a graça da mensagem que é pura Graça. Outro depoimento, registrado por Dirce de Carvalho, diz bem dessa realidade: “O mais importante na homilia não é a explicação exegética, mas a vivência. Ou seja, relacionar a Palavra com o dia-a-dia das pessoas, suas dificuldades, trabalhos, relacionamentos, dores, tristezas” (CARVALHO: 1993, p. 67).

A teologia da nossa pregação há de sair dos compêndios para a vida. Um sermão fúnebre, por mais rico em profundos conceitos bíblicos e teológicos, se não tiver o elemento pastoral, capaz de penetrar no mundo das pessoas enlutadas, ministrando-lhes o bálsamo do conforto, será – no dizer de Paulo – como o sino que ressoa ou como o prato que retine. Por mais bem elaborado e apresentado que seja tal sermão, se não for capaz de conduzir os que choram à presença do Deus que lhes enxuga as lágrimas, de nada valerá. E sabemos que, só usados pelo Espírito Santo, somos capazes de confortar.

John Stott declarou: “A técnica pode somente nos tornar oradores; se quisermos ser pregadores, é da teologia que precisamos”. (STOTT: 2003, p. 97). Prédicas que abrasam corações são aquelas cuja teologia nos alcança e nos impulsiona ao Criador. Um dos grandes problemas hoje é a fraqueza teológica de muitos pregadores. Quando quem prega não está convicto do que tem a comunicar, o melhor a fazer é calar. (MORAES; 2013: p. 193) Spurgeon disse: “É melhor abolir os púlpitos do que enchê-los de homens que não têm conhecimento experimental daquilo que ensinam”.(SPURGEON: S/D, p. 6).

Albert Mohler afirmou: “Uma teologia de pregação começa com um reconhecimento humilde de que a pregação não é invenção humana, e sim uma criação graciosa de Deus e uma parte central de sua vontade revelada para a igreja”. (MOHLER: 2011: p. 47). E ainda acrescentou:

A pregação é um ato inescapavelmente teológico, visto que o pregador ousa falar de Deus e, num sentido bem real, em lugar de Deus. Por essa razão uma teologia da pregação deveria conter uma forma trinitária, refletindo a própria natureza do Deus que se autorrevela. Ao fazer isso, a pregação dá testemunho do Deus que fala, do filho que salva e do Espírito que ilumina. (MOHLER: 2011, p. 47).

---

alguns trechos ainda ficaram sem o devido crédito. Apesar da coincidência de autoria entre este trabalho e o livro, devo uma palavra de desculpas à editora Vida e aos leitores, pelas possíveis omissões de crédito.

A nossa pregação deve ser o compartilhar da nossa fé no Cristo vivo, em quem habita corporalmente toda a plenitude da divindade, e que é a Cabeça de todo poder e autoridade, e nos tem comissionado a pregar, outorgando-nos o poder do Espírito que para tanto nos capacita. (Cf: Cl 2.8-9, At 1.8).

### **A teologia da proclamação há de fundamentar-se na Palavra de Deus**

O texto bíblico está para o sermão assim como o tecido está para o bordado. Do mesmo modo que é impossível fazer o bordado sem o tecido, é impossível elaborar um sermão sem o texto bíblico. O abismo entre o que alguns pregadores falam e o que a Palavra de Deus diz é, sem dúvida, a maior catástrofe do púlpito. Não dá para separar a autêntica pregação da exposição da Palavra, tanto que Pierre Marcel declarou: “Pregar é tomar parte na Palavra de Deus, é tornar-se cooperador de Deus”. (MARCEL; 1977, p. 61). Sem interpretação da Bíblia, sem aplicação e sem desafios não há pregação. Assim, o sermão relevante trabalha com uma tríade de fatores que envolvem passado, presente e futuro: comunicando a Palavra de Deus, aborda textos escritos no passado; contextualizando a Palavra a fim de trazer aplicação ao momento atual, ocupa-se do presente; e desafiando as pessoas a uma mudança de vida, ocupa-se do futuro. Daí chegarmos à seguinte definição: pregação é a comunicação da Palavra de Deus, com aplicação para o presente e desafios para o futuro. (MORAES; 2005, p. 51). Stowell declara, sem subterfúgios: “As pessoas querem ouvir uma palavra de Deus. Se nossas ideias não correspondem aos pensamentos de Deus expressados no texto, não captamos a essência da pregação” (KOESSLER, 2010, p. 67). Desejosos de ouvir a Palavra de Deus, não a sabedoria do pregador, os ouvintes protestam quando a Bíblia não está presente no púlpito.

Qual a causa da negligência do modelo expositivo no púlpito de hoje? Por que muitos pregadores abandonaram a prática de exposição de um texto bíblico? Preguar sermões embasados em um texto bíblico, aplicando suas verdades ao presente e apresentando desafios para o futuro, não é o caminho mais fácil, no entanto, é o que dá relevância à pregação. Stowell ainda acrescenta:

A leitura e exposição da Palavra de Deus são elementos indispensáveis ao diálogo que se desenvolve no culto. Deus fala a seu povo por meio de sua Palavra escrita. Quando o povo não permite que Deus fale por intermédio de sua Palavra na leitura e pregação fiel dela, cala o interlocutor mais importante do diálogo. (KOESSLER, 2010, p. 67).

É preciso dedicação completa ao Senhor e a sua Palavra para que o pregador elabore e pregue sermões com a autoridade da Bíblia e a atualidade para alcançar os ouvintes. O que se vê, hoje em dia, são pregadores que, por falta de tempo ou de sabedoria para administrá-lo, assumem o púlpito sem ter gasto o tempo necessário na busca e no estudo da Palavra. Uma das saídas que encontram nesse despreparo é narrar o que julgam ser as maravilhas de sua “vida vitoriosa”, realçando a sabedoria de seu viver.

É urgente que tais pregadores sejam alertados para o fato de que, sem base bíblica, a pregação perde a autoridade, como advertiu John Piper:

Ao dizermos ao povo alguma coisa, sem demonstrá-la no texto, estamos simplesmente impondo sobre ele a nossa autoridade. Isso não honra o trabalho de Deus ou o trabalho do Espírito Santo. Quero encorajá-los a depender do Santo Espírito, saturando sua pregação com a Palavra por ele inspirada. (PIPER, 2003, p. 39).

É lamentável quando o discurso religioso apresenta a pessoa que prega, não o Senhor da pregação. O problema aqui é não só a falta de humildade, mas a falta de conhecimento de Deus e de sua Palavra. Como pregadores, somos despenseiros. John Stott afirmou: “O pregador é despenseiro dos mistérios de Deus, ou seja: da autorrevelação que Deus confiou aos homens e é preservada nas Escrituras”.

### **A teologia da proclamação há de considerar o ouvinte, suas necessidades e anseios**

Spurgeon afirmou: “A atenção dos ouvintes tem que ser conquistada, ou nada se poderá fazer com eles; e tem que ser retida, ou poderemos continuar levando as palavras a passear, sem colher benefício algum” (SPURGEON, s/d, p. 165). Somente desenvolvendo a habilidade de conquistar a atenção dos ouvintes, podemos crescer na arte de pregar: “A fé vem pelo ouvir” - Se não há audição não há pregação. A boa comunicação requer não só ouvintes, mas, pregadores atentos. Como podemos ser atencioso com os ouvintes?

CONHECENDO O OUVINTE, SUAS NECESSIDADES, ANSEIOS E POTENCIALIDADES. David Larsen declarou: “Assim como o pregador deve interpretar o texto a ser pregado de maneira fiel e diligente, do mesmo modo deve interpretar os padrões de pensamento e os sistemas de valores que moldam e determinam o contexto de percepção dos ouvintes” (LARSEN, 2005, p. 43). Precisamos pedir a Deus não apenas que abra o coração, os ouvidos e a mente das pessoas, mas que nos faça instrumentos nas mãos dele, para alcançá-las. Estudo do texto, sem estudo do auditório é exercício acadêmico e a prédica é um exercício pastoral – é compartilhar a verdade que o Senhor nos tem dado: da Palavra dele ao nosso coração e ao coração dos ouvintes.

SENDO HUMILDES NO PÚLPITO E NO DIA A DIA. Por mais que o pregador tenha se preparado, se não for humilde para se aproximar dos ouvintes, suas palavras serão como palhas ao vento. A presunção cria barreira entre o púlpito e os bancos. É incoerente alguém se apresentar como porta-voz da Palavra ostentando pose de grandeza; a um autêntico servo do Cristo que viveu a humildade absoluta não resta alternativa a não ser considerar os outros superiores a si mesmo e viver desprovido de toda empáfia. Tão somente abandonando a máscara da grandeza e carregando humildemente a cruz, seguimos os passos do Mestre.

CONSIDERANDO A PRESENÇA DO OUVINTE NO TEMPLO. Do púlpito, a visão dos ouvintes é um quadro desafiador. Pessoas de diversas famílias, diferentes faixas etárias, níveis intelectuais desiguais e os mais distantes anseios. Uns alegres, outros tristes e outros indiferentes. Há pouco em comum e as características que as unem precisam ser consideradas: Elas necessitam ouvir o Senhor e o pregador tem a missão de alcançá-las.

PREGANDO A PALAVRA DE DEUS E NÃO A PALAVRA HUMANA. Se o pregador fala mais de si mesmo, as pessoas que foram ali para ouvir a Palavra ficam desmotivadas e desviam o pensamento para longe. Para Luiz Carlos Ramos, “um ponto crucial na pregação contemporânea é o descaso para com a Bíblia (exegese, hermenêutica)” (RAMOS, 2011). Às vezes as pessoas não prestam atenção às palavras do pregador porque ele não foi atencioso em lhes apresentar uma prédica realmente bíblica.

EXPLORANDO A BELEZA E DETALHES DO TEXTO QUE CATIVAM. Somos desafiados a preservar o encanto dos textos bíblicos. Às vezes há detalhes no texto que despertam o interesse dos ouvintes; quando isso acontece, eles são motivados a ouvir. Por outro lado, se o texto nada lhes fala também se tornam dispersivos e ausentes. Se a leitura do texto for mal feita, as pessoas

perdem a motivação para ouvir. Elas pensam que o pregador que não é capaz de ler bem o texto, não será capaz de explaná-lo.

**TORNANDO O TEXTO MAIS CLARO COM FIGURAS EMPOLGANTES.** Isto acontece principalmente quando o pregador explana um texto que apesar de conhecido tem detalhes que precisam ser mais detalhadamente trabalhados. Cada vez que o pregador explana bem tais passagens, o texto vai se tornando mais claro no sermão e os ouvintes ficam cada vez mais atentos.

**APROVEITANDO OS RECURSOS DA EXEGESE PARA ILUSTRAR COM CLAREZA.** O pregador que considera os ouvintes utiliza os recursos da exegese para dar à sua prédica mais profundidade bíblica, mais unidade, objetividade e clareza. Algumas vezes até trazendo do estudo do texto algumas das ilustrações mais profundas, relevantes e comoventes a serem usadas.

**APLICANDO A PRÉDICA À VIDA DOS OUVINTES.** Eles precisam sentir que a prédica está sendo dirigida a eles. Não basta explicar um bom texto bíblico, é necessário aplicar a verdade desse texto às pessoas que nos ouvem; não basta contar uma boa ilustração, precisamos relacioná-la a vida dos ouvintes; não basta pintar quadros expressivos, eles perdem a significação se não forem conectados ao dia a dia dos ouvintes.

**TRAZENDO O OUVINTE PARA DENTRO DO ASSUNTO.** O propósito é utilizar figuras do dia a dia do ouvinte para dar praticidade à prédica. A partir da primeira palavra o ouvinte vai sentir que a prédica tem tudo a ver com ele.

**TRANSFORMANDO OUVINTES EM PARTICIPANTES.** Trazer o ouvinte para dentro da prédica é o desafio. E isso só é possível quando antes mesmo de apresentá-la, o pregador soube estabelecer um clima de amizade e confiança. Isso envolve a vida do pregador, sua participação no culto e suas palavras.

**PARTILHANDO A PRÉDICA COMO SE ESTIVESSE CONTANDO ANIMADA HISTÓRIA.** É a arte de dar beleza ao sermão. Na Bíblia está a mais linda história, entre todas as narrativas ao nosso alcance: A história do Deus que deu ordem e sentido ao caos e criou o homem à sua imagem e semelhança. O Deus que vem ao encontro das pessoas, apesar dos seus pecados, e, por causa deles, em amor, providencia livramento. O Deus que doou o seu Único Filho para, morrendo, dar vida aos que ouvem a pregação e nele creem. Narrativas que falam dos inigualáveis feitos e ensinamentos do Filho de Deus que aqui viveu. Os ouvintes perdem o interesse pela prédica quando o comunicador tira o encanto da narrativa e permite que a monotonia sufoque a alegria.

**UTILIZANDO SABIAMENTE UM POUCO DE HUMOR.** O humor no púlpito não acontece somente quando o pregador conta histórias engraçadas. Mais que hábeis em descrever gracejos, necessitamos ser graciosos, construindo frases com senso de humor, brincando com as palavras, e apresentando com graça a mensagem da graça que transforma. Não se trata de ser humorista, mas de pregar com um senso de humor.

**EVITANDO CURVAS SINUOSAS QUE ATRAPALHAM A CHEGADA.** Mesmo sabendo que todo sermão precisa ter um alvo, alguns pregadores dão voltas intermináveis que findam com a perda da atenção do ouvinte. É bom sair viajando, mas o melhor mesmo é chegar. Nada mais desagradável que a sensação de estar perdido. No púlpito é assim. Começar a ouvir um sermão é bom, porém ainda melhor é ser conduzido ao amém final, sabendo que o pregador sabe aonde chegar e como chegar. Ao contrário, os ouvintes ficam irritados quando quem está pregando assume um comportamento ilógico: “o que ele pretende afinal?” Todo pregador deveria ter sua declaração de visão do púlpito, respondendo a questões como: Qual a minha ideia de pregação? O que me faz pregar? Qual meu objetivo? Aonde pretendo chegar com os ouvintes?

APRESENTANDO RESPOSTAS AOS ANSEIOS DO DIA A DIA. Uma das razões que motivam pessoas a ouvir sermões é o anseio por encontrar respostas às suas dúvidas e inquietações. Aqui e acolá pregadores recebem *feedback* dos seus ouvintes, em forma de gratidão porque o sermão trouxe algum benefício em sua vida. Esse fenômeno só acontece graças à operação do Espírito Santo. Mesmo sem conhecer as ansiedades dos ouvintes o pregador ministra-lhe o lenitivo capaz de sarar-lhes as feridas. Tudo quanto precisamos fazer, além de, o quanto possível, buscar conhecer as pessoas, é orar incessantemente pedindo ao Senhor que coloque a palavra em nossos lábios e nos mostre como falar. Spurgeon aconselhou: “Usem a oração como vara de sondagem, e as fontes de águas vivas saltarão das entranhas da Palavra de Deus” (SPURGEON, s/d, p. 52).

VALORIZANDO O TEMPO DO OUVINTE. Para que isto aconteça, devemos nos empenhar em dizer o máximo com o mínimo de palavras; saber o que falar, a quem falar e como fazê-lo; conhecer de onde estamos partindo e aonde pretendemos chegar com os ouvintes; evitar perda de tempo com assuntos periféricos; não abusar do emprego de sinônimos e abandonar repetições inúteis.

### **A teologia da proclamação deve priorizar o conteúdo e valorizar a forma**

Pregar sem estrutura é tão tenebroso quanto viajar sem um mapa. Por outro lado, quando a estrutura ocupa o primeiro plano a prédica se torna engessada e morna. É como no nosso corpo: temos um esqueleto, mas não visível; fica bem escondido. Não podemos deixar a carcaça à mostra. De vez em quando algum pregador defende a ideia que o sermão deve ter três tópicos. E eu afirmo que a prédica não precisa de três tópicos, mas do número de tópicos necessários à satisfatória abordagem do texto, sendo o ideal não ultrapassar a seis tópicos, para evitar problema com o tempo de apresentação.

O pregador não pode ficar preso ao manuscrito, sem se desviar nem para a direita, nem para a esquerda. Pode até pregar um sermão todo escrito, mas o ideal é não ficar todo o tempo lendo. Independentemente do tamanho do esboço, o há de ser internalizado, antes de ser apresentado. Há alguns anos fui escalado, para à assembleia anual da Convenção Batista Brasileira. Foi-me dado o assunto: “Transmitamos a Palavra com ciência”. Encontrei o texto básico em 1Samuel 12.1-7a,13. Passei vários dias lendo-o, buscando compreendê-lo. Depois – como eu teria que falar dentro do tema que me foi dado – elaborei uma tese a partir dele, mas considerando a mensagem do texto. Cheguei à afirmação: *Palavra transmitida com ciência é a que torna o ouvinte consciente de sua condição e ciente de que sem Deus toda ciência é vã*. Esta era a verdade que eu devia comunicar. Depois, estabeleci os tópicos principais, na preocupação de estarem elucidando o texto e expondo o assunto. Mesmo havendo escrito toda a prédica não foi difícil pregá-la porque a estrutura – em harmonia com o texto – facilitava a internalização e compreensão do conteúdo. Hoje, mais de 15 anos desde que preguei este sermão, ainda tenho em mente o desafio apresentado: *sermos sensíveis ao que o Senhor nos manda pregar, para podermos transmitir com ciência a Palavra que alcança, restaura e marca*. Quando somos convidados a pregar em ocasiões especiais e o convite já vem com a indicação do assunto, o desafio é que a palavra proferida não perca sua base escriturística, mas que ela seja considerada e preservada (cf: MORAES: 2013, p. 190-193).

### **A teologia da proclamação deve trabalhar a qualidade e a objetividade**

Não é o pregador que fala mais difícil que tem a mensagem mais sólida, mas o que sabe aliar simplicidade à profundidade. Lançando mão de uma comunicação compreensível, ele é capaz



de compartilhar a verdade divina e, na força do Espírito Santo, persuadir pessoas à mudanças comportamentais.

Qualidade no púlpito não é garantida pela simples utilização de uma nova forma sermônica, abordagem espetacular, citações de eruditos, ou postura teatral. A qualidade da prédica é vista na capacidade de trabalhar a Palavra de Deus com profundidade e objetividade, interpretando-a corretamente e transportando-a adequadamente. A qualidade sermônica é vista no desenvolvimento harmonioso do texto básico com o assunto proposto; nas ilustrações honestas, coerentes e atraentes; e na capacidade de aplicar com vida a mensagem da vida.

Não há maior responsabilidade que a do pregador. Karl Barth afirmou: “Deus se faz ouvir; é ele quem fala e não o homem. Este último só anuncia que Deus vai lhe dizer alguma coisa” (Barth, 2004, p. 16). Para que esse milagre aconteça e o recado do Deus Eterno se faça ouvir pelos lábios de um homem ou uma mulher, é necessário que essa pessoa que se dispõe a falar em nome do Senhor dedique o melhor do seu tempo à oração e ao estudo da Bíblia, pois enquanto a Palavra de Deus não passa pela vida do pregador, ele não tem condições de levá-la a outras pessoas. Seria possível o pregador explicar o que nem ele mesmo entendeu? A Palavra precisa ser primeiramente levada a sério por quem a anuncia (MORAES: 2013, p. 281).

A prédica para resultar em ações práticas precisa ser mensagem da Palavra de Deus comunicada com objetividade e clareza; como bem destacou James Crane: “Mensagem bíblica é baseada na reta interpretação de um texto, tirando dele o tema e desenvolvendo-o de acordo com os ensinamentos gerais das Escrituras e aplicando-os às necessidades atuais dos ouvintes” (CRANE, 1989, p. 53).

Uma vez que a pregação é mensagem de impacto, o pregador precisa ser hábil em escolher palavras certas. Sttaford North, “A verbosidade obscurece a compreensão do ouvinte e em geral não passa de um subterfúgio para a falta de preparo do pregador” (NORTH, 1971, p. 136). A esse respeito, Júlio Adam lembra: “A prédica está mais no ouvido de quem ouve do que na boca de quem fala. O/a pregador/a deve conhecer seus ouvintes [...] A partir daí se pode construir pregações que falem, que sejam compreendidas, assimiladas na vida das pessoas, na vida de fé da comunidade” (Adam, 2011).

O relativismo religioso tem enfraquecido terrivelmente a pregação. Para algumas pessoas o que importa é o crescimento, mesmo em detrimento da qualidade. Prédicas sobre as exigências do discipulado dificilmente são pregadas; sermões éticos estão em desuso: Pouco se fala em cruz, a ênfase é no trono; as aflições não existem, só as bênçãos; e em termos comportamentais tudo parece liberado. Precisamos com urgência de uma nova Reforma. O povo está com fome da Palavra de Deus. Urge que a Palavra que transforma e liberta volte a ser explanada fielmente, exortando todos ao arrependimento para o perdão de pecados (Lucas 3.3) e à produção de frutos dignos de uma nova vida (Lucas 3.8) (MORAES: 2013, p. 14).

### **A teologia da proclamação deve objetivar mudanças sem constranger o ouvinte a mudar**

Depois de assegurar que a necessidade maior de uma igreja cristã é a pregação, Sproul acrescentou: “Uma igreja pode ter bons programas [...] mas se faltar a pregação bíblica não tem nada. Outras coisas são desejáveis, mas a pregação bíblica é a única coisa de que uma igreja realmente precisa” (SPOUL, 2011, p. 330).

No púlpito apresentamos a proposta bíblica que oferece a mensagem da graça divina: convite aos sedentos para saciar a sede e aos famintos para que se fartem, sem dinheiro e sem

custo (Is 55.1-2). Nessa chamada evangelística enfatizamos que só pela graça as pessoas são salvas, por meio da fé, e isso não vem de nós, mas é dom de Deus, e não vem das obras para que ninguém se glorie (Ef 2.8-9). Com base nestes e em vários outros textos bíblicos enfatizamos o acesso gratuito ao reino de Deus: Jesus pagou o preço. Mesmo aceitando a gratuidade da salvação como um dos pilares da teologia da pregação cristã, não podemos, contudo, deixar de anunciar a necessidade de discipulado. O chamado de Jesus, longe de ser um passaporte a uma vida de luxos, com garantia de especial proteção, é convocação para seguirmos os passos dele, em uma vida de renúncia e sacrifício. Quem se dispõe a seguir Jesus Cristo deve ter a coragem para tomar a cruz. E somente quem se dispõe a perder a vida por amor a Ele e à causa dele é que realmente salva a sua vida (Mc 8.34-35). É lamentável que hoje alguns pregadores, interessados em dados estatísticos, preguem mensagem triunfalista, desprovida de fundamentação bíblica, em que a cruz e o sofrimento são apagados e apenas o conforto e as pseudovantagens do presente são enfatizados. Muitos ouvintes, no entanto, preferem ouvir o recado de Deus. Lamentavelmente o discurso de autoajuda está tomando o lugar da explanação da Palavra.

Há pregadores também que baseiam suas prédicas em conceitos do último livro lido, ou do último filme ou palestra assistido, mas sem base bíblica. Há lugar para novidades responsáveis no púlpito, porém jamais para inovações insensatas. Não podemos mudar o propósito do culto e do púlpito, que é glorificar a Deus, proclamando sua supremacia e graça. Do mesmo modo, não podemos mudar a base para que esse propósito seja alcançado: a clara exposição bíblica, fielmente interpretada e contextualizada, a fim de alcançar e transformar pessoas. Quando há desvio do propósito e da base, o culto se torna um encontro qualquer, e a pregação, um mero discurso. É lastimável que alguns pregadores agem como se a Bíblia ainda estivesse em formação, como se o cânon sagrado continuasse aberto e, o que é pior, pronto a receber afirmações incoerentes e insensatos.

Culto sem Bíblia fica reduzido a simples encontro social, com exposições e *shows*. Sem a Palavra de Deus, a liturgia foge do objetivo de adorar ao Criador, trocando-o pela meta de agradar a criatura. Nesse contexto, o culto perde seu objetivo, e o pregador deixa de explicar a Bíblia, passando simplesmente a “dizer algumas palavras”. Sabemos, contudo, que o pregador que tenta embasar os seus sermões fora da Palavra perde a condição de porta-voz do Senhor, acaba se esgotando e esgotando os ouvintes. Não vamos ao templo para ouvir da sabedoria de um pregador, ou o pensamento dos eruditos, mas para ser confrontados, confortados e desafiados pela Palavra.

Tenho aprendido, em minha caminhada pastoral, que o culto fúnebre é a ocasião onde percebemos mais claramente o poder da Pregação da Palavra. Os familiares, com o seu cansaço, angústia, perplexidade e indagações param para ouvir a voz do pregador. Às vezes, enquanto os hinos são cantados alguns ainda choram baixinho, até que o pregador abre a Bíblia e começa a falar em nome do Senhor. E quando o *assim diz a Palavra do Senhor* é pregado com autenticidade, objetividade, sentimento e vida, as pessoas, cativas pela Palavra de Deus, vão encontrando o alento que as faz substituir o pranto pela certeza de que Jesus faz novas todas as coisas (Apocalipse 21.5); e convictas de que quem crer nele ainda que esteja morto viverá (João 11.25). Esse é um dos momentos quando sentimos mais de perto acontecer o milagre da pregação: a aflição é substituída pela paz, o desespero pela esperança; a dor começa a encontrar alívio; e o sentimento de perda e morte cede lugar à realidade da vida (cf. MORAES: 2013, p. 63-68).

Anunciamos a mensagem da transformação que só Jesus oferece, no entanto um detalhe precisa estar sempre diante de nós: a força de tão profunda realidade só encontra significado pleno quando anunciamos o que vivemos. Nossa experiência há de ser idêntica à de João:

Proclamamos o que vimos, o que ouvimos, o que nos tem transformado; proclamamos a mensagem da vida. “Nós lhes proclamamos o que vimos e ouvimos para que vocês também tenham comunhão conosco. Nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho Jesus Cristo.[...] Esta é a mensagem que dele ouvimos e transmitimos a vocês” (1Jo 1.1, 3, 5).

SOMOS SIMPLES PORTA-VOZES, como diz Sproul: “A opinião de um pregador não é o que importa. O poder de Deus é a Palavra de Deus, é por isso que Paulo escreveu: ‘Prega a Palavra’, e acrescentou: ‘quer seja oportuno, quer não’ (2Tm 4.2). Em outras palavras, ‘Prega a Palavra o tempo todo’” (SPROUL, 2011, p. 330). Grande é a nossa responsabilidade pregando a Palavra e engajados na formação dos novos pregadores. Não existe alguém mais habilitado a trabalhar na promoção de autêntica transformação na sociedade do que o pregador. John Stott citou o Rev. Charles Silvester Horne, que além de pregador era também membro do parlamento britânico: “O pregador, que é mensageiro de Deus, é o verdadeiro senhor da sociedade; não foi eleito pela sociedade para ser seu governante; mas eleito por Deus por formar os ideais dela, e por meio deles, guiar e governar a sociedade” (Stott, 2003, p. 41).

## Referências

ALLMEN, J. J. Von. *O culto cristão*: São Paulo: ASTE, 1968.

BARTH, Karl. *A proclamação do evangelho*. São Paulo: Novo Século, 2004.

CARVALHO, Dirce de. *Homilia, a questão da linguagem na comunicação oral*. São Paulo: Paulinas, 1993.

CRANE, James. *O sermão eficaz*. Rio de Janeiro: JUERP. 1989.

HENDRIKSEN, William. *Comentário do Novo Testamento – Lucas*, volume 2.

KOESSLER, John (editor geral). *Manual de Pregação*. São Paulo: Vida Nova, 2010.

LARSEN, David L. *Anatomia da Pregação*. São Paulo: Editora Vida 2005.

Marcel, Pierre Ch. *The Relevance of Preaching*. Grand Rapids: Baker Book House, 1977.

MARTIN, Al. *O que há de errado com a pregação de hoje?*, São Paulo: Fiel, s/d.

MOHLER JR. R. Albert. *Deus não está em silêncio*. São Paulo: Fiel, 2011

MORAES, Jilton. *Homilética do ouvinte à prática*. São Paulo: Vida. 2013.

\_\_\_\_\_. *O clamor da igreja: em busca de excelência no púlpito*. São Paulo: Mundo Cristão, 2012.

\_\_\_\_\_. *Homilética do púlpito ao ouvinte*. São Paulo: Vida. 2008

\_\_\_\_\_. *Homilética da pesquisa ao púlpito*. São Paulo: Vida. 2005.

NORTH, Sttaford. *Pregação, Homem e Método*. São Paulo: Vida Cristã. 1971.

PADILHA, Adilmar Luiz Martins. *A carência e a falência dos púlpitos no movimento evangélico brasileiro: uma visão panorâmica*.(Dissertação de Mestrado). Orientador: Uwe Wegner; co-orientador: Flávio Schimitt. São Leopoldo: EST, 2010.

PERRY, Loyd. e Charles M. SELL. *Pregando sobre os problemas da vida*. Rio: JUERP, 1989.

PETERSON, Eugene H. A MENSAGEM. *Bíblia em linguagem contemporânea*. Eugene H. Peterson. Vários tradutores. Supervisão exegética e Teológica de Luiz Sayão. São Paulo: Vida, 2011

PIPER, John. *A supremacia de Deus na pregação*. São Paulo: Shedd, 2003.

HADDON, Robinson. (editor). *Como aplicar os princípios da pregação Bíblica*. Rio de Janeiro. CPAD: 2001.

\_\_\_\_\_; e LARSEN, Brian Craig. *A arte e o ofício da pregação*. São Paulo: Shedd. 2009

SIMS, Tim e PEGODA, Dan. *101 Things to Do During a Dull Sermom*. London: Monarch Books, 2002.

SPROUL. R. C. *Estudos Bíblicos Expositivos em Romanos*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

SPURGEON, C. H. *Lições aos meus alunos* (3 volumes). São Paulo: PÉs, s/d.

STANLEY, Andy e JONES, Lane. *Comunicação que Transforma*. São Paulo: Editora Vida, 2010.

STOTT, John. *Eu creio na pregação*. São Paulo, Editora Vida, 2003.

WARREN, Rick. *Uma igreja com propósitos*. São Paulo: Vida, 1999.

Zibordi, Ciro. *Erros que os pregadores devem evitar*. Rio: CPAD , 2005.

\_\_\_\_\_. *Mais erros que os pregadores devem evitar*. Rio: CPAD . 2008.

### **Revistas**

Administração Eclesiástica. Rio de Janeiro: JUERP, 3º Trimestre de 2003.

\_\_\_\_\_. 1o Trimestre de 1999.

### **Entrevistas**

ADAM, Júlio Cezar (Professor de Homilética e liturgia na Escola Superior de Teologia, EST – São Leopoldo, RS), março de 2011.

RAMOS, Luiz Carlos (Professor de Homilética e Comunicação na Universidade Metodista de São Paulo – UMESP), março de 2011.